

Letramento: algumas reflexões e possibilidades.

Denilson Pereira de Matos

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Resumo

O presente ensaio visa a refletir a respeito do advento do letramento, enquanto manifestação social. A reflexão é motivada pelo reconhecimento de que o ensino/aprendizagem das regras gramaticais pouco contribui para formação de um indivíduo consciente de sua língua e crítico no que se refere às suas angústias sociais. Neste sentido, projeta-se no letramento a possibilidade de mudança efetiva na formação do cidadão. Sob esta lógica, a Educação a Distância (EaD) surge como um caminho promissor que pode facilitar o acesso ao conhecimento e, conseqüentemente, à inclusão social.

Palavras-chave: letramento, ensino de língua, EaD.

Abstract

This essay reflects on the advent of literacy as a social practice, recognizing that the use of grammatical rules in language teaching/learning contributes little to the individual's critical ability in relation to his language and his social concerns. Having this in mind, literacy can promise the possibility of a significant change in the individual's growth. From this perspective, distance learning emerges as a promising path which can facilitate access to knowledge and consequently to social inclusion.

Keywords: literacy, language teaching, distance learning.

INTRODUÇÃO

Algumas abordagens sobre letramento sustentam as reflexões apresentadas neste trabalho, as quais são concebidas de tal forma que possam concomitantemente ser observadas sob uma única perspectiva: o estudo sobre o letramento. Por questões metodológicas, o texto está organizado considerando-se, *a priori*, reflexões sobre língua materna – letramento, variação & ensino e, *a posteriori*, a Educação a Distância (EaD) como possibilidade de concretização do letramento.

LÍNGUA: EXEMPLAR OU ADEQUADO?

Seguindo-se a lógica apresentada no parágrafo introdutório deste trabalho, pode-se afirmar que todo esforço científico que pretenda salientar os limites do certo ou errado, quando se trata de ciências humanas, está fadado ao fracasso, especialmente se a língua for o tema – neste artigo, a língua portuguesa. Os limites entre melhor e pior

estabelecem-se nas interações sociais onde são travadas, diariamente, as lutas conversacionais e linguísticas que sustentam e explicam a sociedade e não apenas a definição de que um registro é melhor que outro, “mais culto”.

A sugestão normativa, em seu sentido mais amplo e historicamente estabelecida – desde os gregos –, se fortalece no discurso que acredita numa escola que tem, traz e apresenta o melhor da língua: ‘aquela que deve ser utilizada por todos’.

No entanto, tal sugestão, cada vez mais suscetível aos desmandos do uso que eloquentemente se fortalece longe das academias e no âmago do povo, transforma a proposta do “bom” e do “ruim” em **adequado** e **inadequado**. Expressões que representam não apenas uma escolha, mas uma escolha em função de um meio, de um momento e de um determinado grupo.

Assim, ao observar-se a fala de pessoas que moram no interior do Brasil, no sertão da Paraíba, por exemplo, somos capazes de perceber e identificar o registro que está sendo usado, quando comparado, por exemplo, a falantes do sul brasileiro. Não apenas pelo sotaque, mas pelos diversos usos, em que se podem verificar quais estruturas participam desta frase e não daquela; quais verbos são normalmente usados num caso e utilizados em outros diferentemente.

Bechara expõe, em sua gramática de 1999, da editora Lucerna, que existe aquilo que é exemplar, aquilo que é aceito e aquilo que é admitido.

Há de distinguir-se cuidadosamente o exemplar do correto, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constitui a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.(...) modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente. (Bechara,1999, p. 51 e 52.)

Bechara (1999, p. 38) propõe ainda que “*o sucesso da educação linguística é transformar [o falante] num poliglota dentro de sua própria língua nacional*”. O domínio da língua, necessariamente, não está associado à compreensão do domínio de uma regra de uma língua. Se não há consciência do uso da regra, se não há consciência da importância da regra, não adianta conhecer ou decorar a regra, pois ela não será suficiente para dar conta de todas as necessidades comunicativas, sociais e linguísticas presentes no cotidiano de qualquer falante. Por isto, a gramática normativa é um esforço de registrar, de forma estática, algo que está em pleno funcionamento: a língua.

Cada aluno que chega, por exemplo, a um colégio, a uma escola, a um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) traz consigo a sua realidade linguística. Os docentes precisam entender que cada um tem a sua própria gramática, sua própria competência linguística, a sua própria maneira de se comunicar. Além disso, a presença da gíria ou da concordância equivocada, por exemplo, não fazem com que ele deixe de ser um falante eficiente na sua língua.

Não se pode perder de vista que, conforme Bechara (1999), devemos ser políglotas em nossa própria língua, ou seja, devemos ser capazes de lidar com as realidades linguísticas, sejam elas quais forem, conforme o momento social, o contexto social.

LETRAMENTO

Neste sentido, objetivando-se reforço teórico às intenções deste ensaio, recorre-se à proposta dos New Literacy Studies (Barton, Hamilton & Roz, 2000) que entendem letramento como prática social e não apenas como conhecimento do código da língua. É entendido como a relação do indivíduo com a escrita permeada de crenças, ideologia e da cultura dos grupos sociais. Enquanto processo, é resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, bem como é o resultado da ação de usar essas habilidades em situações sociais. Estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência da apropriação da língua escrita e da inclusão num mundo organizado diferentemente: a cultura escrita (BRASIL, 2007).

Freire (1989, p.11-12), sobre a relação direta que há entre o contexto e o texto que o representa, expõe que “linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.”

O processo de aquisição da escrita sob a ótica do letramento vai além dos muros da alfabetização, do ensino básico ou médio, na medida em que a leitura, enquanto uma das atividades que capacitam os indivíduos, de um modo geral, para uma escrita mais preparada, deve ser admitida como processo contínuo, um ato de compreensão, uma atividade que possibilita analisar e entender o mundo de diversas maneiras, como ato social manifestado.

Sob esta orientação, o espaço da cultura escrita diz respeito às ações, valores, procedimentos que constituem o mundo letrado. Não basta codificar e decodificar, é preciso interagir de forma a participar ativamente de um processo que traz a

possibilidade de compreender os usos sociais e conseqüentemente inserir-se numa cultura letrada que tem documentos escritos e práticas que dependem da escrita (por exemplo, o preenchimento de uma guia bancária, um currículo, etc.). Como afirma Freire:

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, (...) a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (Freire, 1989: 20)

Nesta mesma ambiência reflexiva, observando-se os últimos resultados do ENEM e ENADE, por exemplo, é possível diagnosticar as dificuldades na utilização das formas lingüísticas, na organização e composição textual, fenômenos há muito percebidos por professores e que confirmam, tacitamente, a dificuldade em se manifestar por meio da modalidade escrita.

Convém acrescentar, no entanto, que tais dificuldades também podem ser atribuídas à lacuna que há entre as exigências escriturais da academia e a falta de metodologias que norteiem tais práticas, além de uma base, por vezes comprometida, na instrução que ocorre antes do ensino superior: currículos e ementas sugerem a formação de alfabetizados, sem a garantia de se formarem letrados.

Estudos recentes reforçam que escrever é tarefa difícil para todos, inclusive para professores, pois o domínio das estruturas gramaticais ou o reconhecimento do registro padrão nem sempre são suficientes para que se transite em todas as esferas da sociedade, afinal, a adequação – ao interlocutor, tempo, espaço, situação, gênero textual – representa ponto básico para que o texto, provido de textualidade (coesão, coerência, intencionalidade, situacionalidade, aceitabilidade, intertextualidade, informatividade) execute seu papel principal de comunicação (Koch, 1999). Assim, conforme Barton, Hamilton e Roz (2000) que entendem a leitura, escrita e letramento como práticas sociais, é urgente munir a academia de propostas que possam sugerir um novo percurso para o letramento e a aquisição da escrita no universo extra-muro acadêmico de forma a contribuir para que a cidadania se instaure.

Dessa forma, um indivíduo/profissional capaz de interagir com o mundo ao seu redor, reconhecer no texto as múltiplas interpretações cabíveis, adequar-se, contextualmente, para produzir comunicação eficiente, reconhece na leitura e na escrita a maneira pela qual se torna letrado, logo, cidadão.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

É exatamente neste contexto que a EaD surge como uma saída efetiva de se possibilitar o letramento em sua face mais concreta. A EaD surge como um novo paradigma educacional que, conforme Gonçalves (2008), resulta da complexidade inerente à sociedade da informação, seus princípios e fundamentos:

Quando uma sociedade está em constante mudança de seus valores, podemos afirmar que estamos em transição, ou seja, temos de saber o que fomos e o que somos para saber o que seremos. Uma sociedade é alienada quando não tem consciência de seu próprio existir, ou seja, quando pretende imitar a outrem, já não é ela mesma. Um profissional alienado é um ser inautêntico, não olha pra a realidade com critério pessoal, mas com olhos alheios. Por isso vive uma realidade imaginária e não a sua própria realidade objetiva. (Gonçalves, 2008, p. 2)

A mudança de paradigmas, conforme Gonçalves (2008, p.3), “se dá desta maneira: por pequenos gestos, pequenas ações, pensamentos singulares”. Surge como consequência das reflexões e interpretações possíveis das múltiplas leituras da realidade que fizemos antes de praticá-las. A sociologia, afirma a autora, explica isso de uma forma muito simples: no ser humano, a reflexão sempre antecede a ação e a alienação é fruto de uma distância muito grande entre o que se fala e o que se faz, entre o discurso e a prática.

Nossa sociedade contemporânea trouxe discursos (década de 60) que agora começam a ser aplicados na prática. Gonçalves (2008) destaca alguns que podem ser relacionados com a educação e, consequentemente, com a trajetória do letramento. Por exemplo: a democratização do ensino; a educação permanente; a inclusão educacional; e as tecnologias educacionais.

Considerando o cerne da temática destes discursos, percebe-se que, em termos contextuais, as novas tecnologias educacionais vieram atender às mais diversas necessidades humanas. O computador, portanto, passa a ser visto como ferramenta de fundamental importância a todas as atividades profissionais e intelectuais. Suas contribuições vão desde a utilização de banco de dados para cadastramento, arquivos e relatórios, até a preparação de aulas e palestras para ensinamentos presenciais ou não.

Nesse contexto, Velloso Filho (1993) sinaliza que o dinamismo das revoluções pela quais passam os seres humanos obriga a constante adaptação da sociedade às novas realidades. Essa adaptação, verificada em todos os níveis, segmentos e tipos de atividade, pressupõe a capacitação das pessoas frente às necessidades de sobrevivência. Segundo o autor, somos seres em contínua evolução, buscamos ainda, maior eficiência e

eficácia em nossas realizações, tanto no intuito de alcançarmos nossa satisfação e aprimoramento individual, como por obrigação de resposta às exigentes pressões sociais.

Considerando as possibilidades dos recursos educacionais on-line, as técnicas de ensino são passíveis, a cada tempo, de revisões e incrementações: são novos recursos técnico-didáticos que acarretam uma adaptabilidade metodológica e que permitem explorações mais construtivas, reais, enriquecedoras e motivadoras de qualquer assunto.

Nesta acepção, a EaD é sistematicamente organizada e propicia o auto-estudo. O discente se instrui a partir de material didático e pode ser acompanhado por tutores que também supervisionam o processo, possibilitando que o sucesso do estudante seja levado a cabo. Este conjunto operacionalizado constitui uma metodologia. Em outras palavras, por meio de uma metodologia peculiar, pode-se afirmar que a EaD é difusora do conhecimento e, conseqüentemente, uma porta aberta ao letramento, seja ele midiático - possibilitado pelo advento das novas tecnologias (TICs) - ou não.

Ainda segundo Velloso Filho (1993), algumas características da EaD podem ser destacadas, no sentido de confirmar o aspecto facilitador e inclusivo desta modalidade educacional, por exemplo, a instrução a locais de difícil acesso, a execução de atividade em locais diferenciados e distantes entre si, sem alteração do conteúdo. Características que favorecem a difusão do conhecimento sem barreiras, correspondendo às demandas sociais que ora são provocadas pela Cultura Industrial (Adorno, 1999).

CONCLUSÃO

Enfim, a reflexão ora proposta segue a trajetória de estudos que vêm na EaD uma metodologia capaz de possibilitar o letramento em suas diversas faces, além de sugerir o redimensionamento do ensino da língua e a utilidade deste ensino em prol do próprio indivíduo enquanto cidadão.

REFERÊNCIAS

- Adorno, Theodor W.(1999). *Textos Escolhidos*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural.
- Bagno, M. (2002). *Língua materna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola.

Barton, D., Hamilton, M., Roz, I. (eds.) (2000). *Studied Literacies*. New York: Taylor and Francis Group.

Bechara, E (1999). *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.

Brasil (2007). *Pró-letramento: programa de formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do Ensino Fundamental. Alfabetização e Linguagem*. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, Brasília, DF.

Bright, W., Ramanujan, K.(1964). *Sociolinguistic variation and language change*. Proceedings of 19th International Congress of Linguistics, p. 1107-13.

Coseriu, E. (1979). *Sincronia, Diacronia e História*. São Paulo: USP.

Freire, P. (1989). *A política da educação: cultura, poder e libertação*. Londres: Macmillan.

Gonçalves, E. (2008). *A Educação a distância como um novo paradigma educacional*. Fundação Aprender, 1ª Lição - Módulo I - Tutoria no EducEAD.

Horkheimer, M., e Adorno, T. W. (1997). *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Labov, W.(1964). *The social motivation of a sound change*. New York: Columbia University.

Levy, Pierre (1999). *Cibercultura*. São Paulo, Ed. 34.

Koch, I.G.V. (1999). *O Desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil*. DELTA, vol.15, special issue, p.165-180. São Paulo: UNICAMP.

Soares, B.M. (1998). *Letramento: Um Tema Em Três Gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica.

_____(1986). *Linguagem e Escola: Uma Perspectiva Social*. São Paulo: Ática.

Velloso, F.C. (1993). *A informatização dos processos de treinamento*. <http://www1.serpro.gov.br/publicacoes/tematec/pubtem12.htm>, acesso: 10.10.2009.

O AUTOR

Denílson Pereira de Matos é professor na UFPB, onde coordena projetos do tipo PROBEX e Prolicen. É Doutor em estudos linguísticos pela UFF e Mestre em língua portuguesa e linguística pela PUC-RJ. Graduiu-se em Letras/Literatura na UERJ, onde se especializou em língua portuguesa. Especialista, também, em Educação à Distância pelo SENAC, com experiência em EaD. Atualmente produz materiais instrucionais para graduação em Letras/Libras, na área de teorias linguísticas. Escreveu algumas obras e

participou de eventos nacionais. Membro de dois grupos de pesquisa cadastrados no CNPQ, cujos projetos são: a) Letramento e trabalho; b) Linguagem e transitividade.
E-mail: denilson@cchla.ufpb.br